

Debates Feministas: a presença de mulheres brancas em espaços dedicados ao feminismo negro

Feminist debates: the presence of white women in spaces dedicated to black feminism

Aline Santos Guimarães¹

Resumo

O artigo propõe uma análise de inspiração etnográfica em ambiente virtual no grupo de *Facebook* “Feminismo Negro: Mulherismo”. Com a finalidade de observar possíveis disputas resultantes da presença de mulheres brancas em um espaço dedicado ao debate do movimento feminista negro, realizamos um estudo com base em duas postagens recentes que tratam desta temática dentro do grupo. Através de uma reflexão do momento histórico atual, também dialogamos sobre a importância de pensar no imbricamento dos movimentos feministas, em sua pluralidade, nos ambientes virtuais.

Abstract

The article proposes an analysis of ethnographic inspiration in a virtual environment in the Facebook group "Black Feminism: Womanism". In order to observe possible disputes resulting from the presence of white women in a space dedicated to the debate of the black feminist movement, we conducted a study based on two recent posts dealing with this theme within the group. Through a reflection of the current historical moment, we also talk about the importance of thinking about the imbrication of feminist movements, in their plurality, in virtual environments.

Palavras-chave

Feminismo; *Facebook*; Lugar de fala; Etnografia.

Keywords

Feminism; Facebook; Speaking Place; Ethnography.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense; integrante do Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais, Identidade e Comunicação/MiDCom; e-mail: asanguimaraes@gmail.com.

1. Introdução

Desde os seus esforços iniciais, o movimento feminista buscava acabar com a exploração sexista e opressão, passando por uma tomada de consciência das mulheres enquanto coletivo humano sobre o sistema patriarcal no qual estão inseridas em seus diferentes momentos históricos (GARCIA, 2015, p.13).

A teórica feminista, Bell Hooks²(2019), acrescenta o termo sexismo a esta definição, pois ele deixaria claro que o movimento não seria anti-homem, como fora julgado, e que tanto homens quanto mulheres são socializadas desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas, objetivando pensar nas construções de gênero e encerrar as discussões dicotômicas do feminismo como oposição aos homens. Hooks (2019, p.75) aponta que uma vez que as primeiras pessoas no planeta não eram brancas, é improvável que elas teriam sido as primeiras a se rebelarem contra dominação masculina. Esta afirmação, ainda que pareça ampla, determina a importância da inclusão e protagonismo das mulheres negras nos debates e produção de saberes.

Djamila Ribeiro (2017), ao pensar na importância do lugar de fala, argumenta contra a universalização da categoria mulher para levar em conta intersecções como raça, orientação sexual, identidade de gênero e outras. Referindo-se a uma análise de discurso na visão foucaultiana dentro de um sistema que estrutura um determinado imaginário social, nas relações de poder e controle. Ribeiro (2017) examina a importância do lugar de fala como ferramenta para quebra da visão dominante partindo da localização de grupos sociais distintos. Portanto, no intuito de elaborar uma pesquisa que considere a parcialidade e a não universalidade da categoria mulher como pontos importantes de reconhecimento, a autora propõe uma orientação epistemológica que pense em diversos lugares de fala existentes.

Na primeira parte deste artigo, pensaremos nas formas de inserção dos movimentos feministas contemporâneos nos ambientes virtuais. Creditamos o recente aumento dos debates feministas nos sites de redes sociais, aos eventos ocorridos no período eleitoral no ano de 2018 referentes às campanhas presidenciais. Neste período, foi criado um grupo de *Facebook* contrário

² Pseudônimo inspirado pela bisavó materna e grafado em letras minúsculas para deslocar o foco da figura autoral para suas ideias.

à eleição de um dos candidatos devido aos comentários racistas, misóginos e anti- LGBTQ+ proferidos ao longo da campanha.

Assim, torna-se cada vez mais importante que a pauta acadêmica sobre os debates feministas inclua a análise do movimento na cultura digital, buscando interpretar sua relação com movimentos feministas plurais, o espaço dos grupos historicamente oprimidos e o gerenciamento das identidades feministas em contextos *online* e *offline*.

Os dados metodológicos levantados inicialmente para este trabalho possuem como fundamentação teórica o projeto de pesquisa realizado para o programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. A quantificação dos grupos de natureza feminista no site de rede social, *Facebook*, foi realizada para obter uma visão prévia das temáticas destes grupos, quantidade de membros e frequência das postagens. Tendo isto como base, foi possível balizar quais grupos seriam enquadrados como objeto de pesquisa.

A partir da seleção de um grupo de *Facebook* para objeto de pesquisa, voltado ao debate e protagonismo do feminismo negro, procurei elaborar uma interpretação inicial das disputas ocorridas neste ambiente virtual, os usos e apropriações por mulheres brancas em um espaço sobre o movimento feminista negro, partindo também de indagações pessoais sobre a minha presença no mesmo lugar.

Ao final, são feitas algumas reflexões sobre os desdobramentos dos dados previamente coletados e as possibilidades abertas por este espaço de discussão pautado no entrelaçamento do feminismo com o racismo e respeito aos lugares de fala.

2. Feminismos na cultura digital

O ano de 2018 representou um marco na história do Brasil para o movimento feminista. O assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, mulher negra e feminista, ligada ao movimento LGBTQ+ e os protestos contra a candidatura do atual presidente, obtiveram repercussão mundial.

Além das diversas manifestações e protestos que ocorreram em várias cidades do país, as campanhas *online*, incluindo o uso das *hashtags* #MariellePresente e #EleNão, foram avassaladoras. Principalmente, através do grupo de *Facebook* “Mulheres contra Bolsonaro” que

atingiu quase quatro milhões de usuárias, sendo alvo de ataques de *hackers* e dando origem a outros grupos, até de posicionamento oposto (DAFLON, 2019, p. 318).

Na observação do uso de redes sociais como um espaço de construção de ativismo *online*, no sentido de atividades políticas interacionais no meio virtual e da construção social de conhecimento apoiada pelas tecnologias da comunicação (PRIMO, 2007), relacionamos ao conceito de Castells (1999, 2003) que caracteriza a internet como suporte material que favorece o individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade, entretanto, da mesma maneira que essa característica coopera com a descentralização do movimento feminista, o autor enxerga a flexibilização das redes sociais como um meio para manutenção da força do movimento e não menos intensas na criação de laços e mobilização.

Daflon (2019) aponta a utilização intensa das redes sociais como vetor de ativismo, onde a difusão de estilos de vida e narrativas de si marca uma nova forma de fazer política. No entanto, a própria estrutura e funcionamento dos sites de redes sociais podem ser vistos como conflitivos ao feminismo, pois está inserida em um contexto institucional que não favorece movimentos horizontais, exacerbando as diferenças e impondo padrões binários de participação. A autora, em sua análise dos conceitos abordados no livro *Explosão Feminista* (BUARQUEDE HOLLANDA, 2018), aponta a positiva multiplicação dos campos feministas, no sentido em que os feminismos permitiriam uma acomodação dos diversos horizontes e experiências das mulheres.

Nesse sentido, a multiplicidade de grupos feministas existentes em um site de rede social como o *Facebook*, poderia funcionar enquanto aporte dos diversos lugares de fala, ao mesmo tempo em que poderiam se tornar empecilhos para a construção de um movimento feminista mais inclusivo. Considera-se um movimento feminista inclusivo, aquele que, incluindo diálogos sobre raça e gênero, trataria de combater as diversas formas de sexismos, exploração e opressão, não impondo uma teleologia universal sobre o feminismo e respeitando as práticas dos feminismos plurais, para tanto, faz-se necessária à existência de ambientes que abranja a multiplicidade do movimento (HOOKS, 2019, p.78).

Em um ambiente digital, caracterizado pelas diversas formas de usos e apropriações, torna-se importante compreender o conceito de lugar de fala na abordagem de práticas feministas. Djamila Ribeiro (2017, p.84), afirma que “saber o lugar de onde falamos é

fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”. Enquanto postura ética, compreender o lugar de fala, significa reconhecer a localização social, fundamentalmente para que indivíduos privilegiados possam enxergar as hierarquias produzidas desse lugar em relação aos demais grupos, não restringindo as trocas de ideias, mas objetivando dar voz aos grupos que historicamente foram excluídos dos espaços de debates e produção epistêmica.

Ainda, ao pensar sobre cultura e internet, uma reflexão torna-se necessária: se os ambientes observados num enquadramento digital não devem ser estudados fora de seu contexto social, ao passo que também são capazes de produzir conhecimento sobre o mesmo, poderiam os grupos feministas de o *Facebook* ser considerados uma forma de ativismo digital? Em observação aos debates iniciais sobre o par real/virtual, entende-se que as questões pertinentes ao cotidiano da vida corporificada atravessam as questões presentes na materialidade. Conforme Durão (2018, p.123 apud Baym, 2010, p.152) as desigualdades existentes no mundo *off-line* também poderiam se reproduzir em contextos *online*.

Embora estas disputas atuem como ponto de atenção ao se realizar uma pesquisa etnográfica em ambiente digital, há de se creditar que, ao menos parte da ordem de construção das identidades nestes ambientes, passa por um processo de autorreflexividade (POLIVANOV, 2015). Portanto, ao considerar a construção de um perfil associado a um grupo feminista no *Facebook* entende-se não por dualidade, mas um gerenciamento do *online* e *offline* imbricados nesse contexto.

Complementando este debate, a pesquisa de Harris (2010, p. 477), intitulada “*Mind the Gap: Attitudes and Emergent Feminist Politics since Third Wave*”, sugere que ainda há pouca atenção pelo ponto de vista feminista ao uso das tecnologias da internet, esta pesquisa tem o foco na apropriação das tecnologias por jovens mulheres, e visa refletir as ações dessas mulheres em direção ao feminismo nas políticas emergentes e o tipo de agenda politizada que exercem nas relações diárias.

Portanto, olhar para as novas práticas de feminismo em sites de redes sociais, pode ajudar a compreender quais formas de feminismos estão sendo construídos e pensar em práticas dentro do campo teórico dos estudos feministas direcionadas a aproximar as relações diárias entre mulheres.

3. Metodologia

Levando em consideração que a proposta deste artigo envolve uma análise inicial do campo proposto em meu projeto de pesquisa para o programa de mestrado, que se trata do estudo de grupos feministas no *Facebook*, realizei um levantamento quantitativo sobre esse perfil de grupos existentes na plataforma. Este levantamento deu-se através da busca do termo “feminismo” em grupos dentro deste site de rede social. O resultado inicial apontou cerca de 160 grupos que continham o termo “feminismo” em seu título ou conteúdo descritivo, maneira pela qual os resultados são alcançados pela plataforma.

Os dados foram coletados e organizados em forma de uma planilha que resumia as informações categorizadas como relevantes para uma filtragem inicial: breve descrição de cada grupo com base na própria descrição existente neles; tipo de grupo, se fechado, público ou secreto; quantidade de membros; quantidade de postagens nos últimos 30 dias e quantidade de novos membros nos últimos 30 dias. Cabe aqui ressaltar que, para este artigo, levei em consideração somente os grupos ativos. Com estes dados, foi possível organizar os grupos conforme quantitativo de membros, frequência das postagens e admissão de novos participantes que ajudaria a selecionar os grupos com maior movimentação que considere como fator de relevância para esta entrada no campo.

É importante notar que a busca por termo semelhante, como “feminista”, e suas variantes no plural, acarretaria em uma coleta de dados mais expansiva que será válida para a continuidade da pesquisa. Porém, para este artigo, esta análise quantitativa mais aprofundada, ainda que inicial em relação às etapas de desenvolvimento do projeto de pesquisa, foi desconsiderada com base no cronograma para entrega do artigo, por ser um mapeamento que seria realizado de forma não automatizada.

A partir das informações compiladas, considere como mais relevantes os primeiros 10 grupos com maior número de postagem nos últimos 30 dias³. Porém, em termos de frequência de interação nas postagens, como reação ou comentário, apenas um alcançava o perfil interessante para análise de conteúdo, sendo o grupo “Feminismo Negro: Mulherismo”. Os

³ Pesquisa realizada em 01 de julho de 2019.

demais, mesmo com elevado número de publicações ao longo dos 30 dias ou com maior número de membros, praticamente não possuíam interação na linha de tempo.

Dessa maneira, um desafio fez-se presente no momento da coleta dos dados e análise breve dos grupos encontrados, muitos grupos não possuem postagens interativas, considerando as curtidas, os comentários e os compartilhamentos quando possíveis. Como exemplo, o grupo “Clube de Leitura Feminista”, mesmo sendo o primeiro colocado em relação ao quantitativo de membros, apenas seria válido enquanto objeto de uma pesquisa qualitativa, onde entrevistas pessoais ou a utilização de questionários seriam necessárias, sobre os membros enquanto integrantes e possíveis consumidores dos materiais disponibilizados no grupo que, como o nome sugere, compartilha diversos arquivos para estudos sobre as correntes teóricas feministas, como livros ou artigos em formato digital.

O grupo “Feminismo Negro: Mulherismo”⁴ foi criado em 19 de novembro de 2015, conta com 15.833 membros no momento desta pesquisa e com 492 postagens nos últimos 30 dias, tem como objetivo ser um espaço para debate de pautas, crescimento pessoal e amadurecimento do discurso como feministas negras que aceita homens e mulheres brancas. Destacou-se, inicialmente, devido ao elevado número de postagens (FIGURA). Eu fui convidada a participar deste grupo através de uma colega acadêmica que está em fase de conclusão do mestrado, negra e ativista do movimento feminista negro. Fui aceita em 30 de junho de 2019 e, devido à entrada recente no campo que demonstrou ser interesse de objeto para este artigo, fiz uma consulta histórica das postagens do período de um mês anterior a minha entrada.

1	NOME	GRUPO	DESCRIÇÃO	TIPO	ANO DE CRIAÇÃO	MEMBROS	POSTAGENS	NOVOS MEMBROS	SITUAÇÃO
2	Feminismo Negro: Mulherismo	FECHADO	Espaço para	GERAL	19/nov/15	15.833	492	2	ATIVO
3	Feminismo Autozoativo	FECHADO	Página oficial	GERAL	11/jul/14	13.200	154	4	ATIVO
4	Clube de Leitura Feminista	FECHADO	Grupo de leitura	GERAL	25/out/12	21.868	136	9	ATIVO
5	Feminismo Filosófico	FECHADO	SEM DESCRIÇÃO	GERAL	29/ago/16	2.663	120	1	ATIVO
6	Feminismo Negro [PT]	FECHADO	Intersecciona	GERAL	15/mar/14	2.205	52	0	ATIVO
7	[antropologia feminista]	FECHADO	O objetivo de	GERAL	20/nov/12	4.942	44	0	ATIVO
8	Modices Moda, Feminismo e Cultura	FECHADO	Grupo para s	GERAL	10/jul/13	14.326	40	198	ATIVO
9	Mulheril Materno - feminismo e maternidade	FECHADO	É para mães,	GERAL	22/mar/16	1658	40	18	ATIVO
10	Clube de Leitura sobre feminismo - Bauru	FECHADO	SEM DESCRIÇÃO	GERAL	06/jan/19	118	39	2	ATIVO
11	Ecofeminismo: Cabo Verde	FECHADO	O Moviment	GERAL	25/nov/18	103	28	15	ATIVO

Neiva (2018, p. 6) faz referência a este tipo de consulta enquanto metodologia utilizada por historiadores no que tange aos registros documentais e uma forma de considerar a tradição

⁴ Admissão ao grupo em 30 de junho de 2019.

antropológica do “estar lá”, pois a consulta aos registros anteriores funcionaria como uma história daquele ambiente, ainda que não organizados metodologicamente de maneira histórica e documental. Para ela “Os registros escritos atuaram com vantagens e desvantagens no processo de entrada em campo. Por um lado, aproveitei da vantagem que pesquisas em documentos e fontes escritas oferecem. “Ou seja, reduzem as distorções devidas às interpretações pessoais, possivelmente contaminadas pela subjetividade e por falha na memorização dos fatos.” (NEIVA apud PARAÍSO, 1994, p. 43).

Nessa situação, foi possível notar a postagem que originou a questão principal deste artigo: por que mulheres brancas participam de grupos destinado ao debate do feminismo negro? Pois, além desse questionamento ter sido feito por algumas mulheres negras do grupo, gerando opiniões controversas, a própria descrição e política do grupo permitem e apoiam a participação de mulheres e homens brancos. Portanto, esta observação foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo.

4. A presença de mulheres brancas em espaços sobre o feminismo negro

Enquanto pesquisadora, o meu interesse inicial em participar de grupos voltados ao debate do feminismo negro deu-se pelo reconhecimento da importância e necessidade de aprender, com os grupos que carregam o legado histórico das opressões que vão além da questão de gênero, os preceitos teóricos de um feminismo interseccional, enfrentando a universalização da categoria mulher, do combate ao sexismo, compreendendo que estes objetivos não poderão ser alcançados sem combate ao racismo. De acordo com Hooks (2019, p.20), ainda que mulheres negras individuais tivessem sido ativas no movimento feminista contemporâneo desde seu início, esta participação pouco atraiu atenção da mídia de massa. Desta maneira, faz-se necessário protagonizar vozes que foram marginalizadas e silenciadas historicamente por parte de um sistema patriarcal de supremacia branca.

No entanto, em reconhecimento ao meu lugar de fala, enquanto mulher branca, acadêmica que desenvolve uma pesquisa feminista e possui acesso a diferentes fontes para realizá-la, compreendo que essa conscientização sobre a participação de uma mulher branca em grupo feminista voltado para mulheres negras não ocorre de forma linear. Portanto, quais motivos

levariam outras mulheres brancas a buscarem participação nesses grupos? E mais, quais seriam os posicionamentos das mulheres negras, ainda que protagonistas, em dividir esse espaço?

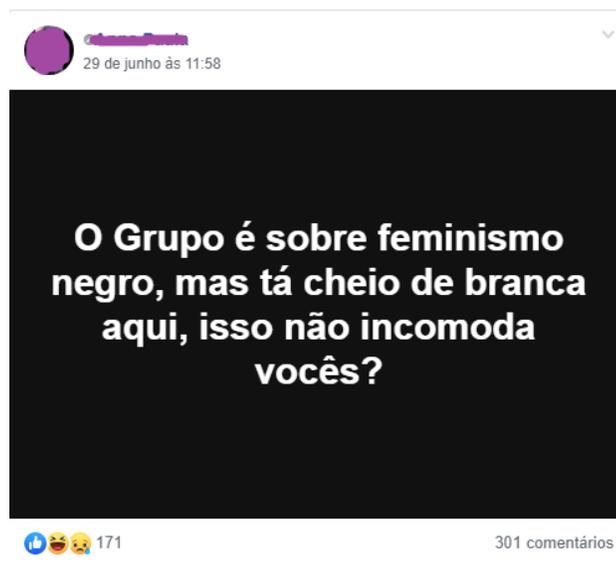
O grupo do qual faço parte e que provocou tais reflexões, leva o nome de “Feminismo Negro: Mulherismo”, foi criado no ano de 2015 e conta com 15.817 mil membros. É um grupo bastante movimentado, contando com 492 postagens nos últimos trinta dias. A proposta do grupo é ser um ambiente de debates e pautas, crescimento pessoal e amadurecimento do discurso para as feministas negras. Apesar desta descrição, o grupo possui como regra declarada pelas administradoras a possibilidade de inclusão de membros brancos, sejam eles homens ou mulheres. Esta regra possui como premissa o respeito do lugar de fala das mulheres negras, pois elas são as protagonistas do grupo, sendo também um grupo feminista interseccional. As administradoras ainda criaram uma lista de nove itens sobre como tornar o espaço mais seguro, dentre estes, a temática do respeito é abordada em quatro itens, sendo o princípio mais reforçado com risco de banimento do grupo em caso de violação.

De acordo com Miller (2004, p.42), a etnografia poderia ser considerada para além de um “método”, uma abordagem que permitiria a problematização de questões anteriores a Internet, que consideravam pesquisas realizadas em ambientes digitais, enquanto uma configuração do relacionamento dos atores sociais e tecnologias no contexto *online*. Assim, uma abordagem etnográfica de um ambiente digital deveria incluir pesquisas baseadas em métodos *online* e *offline*. Este autor ainda aponta que “os critérios primários da etnografia incluem a observação participante e o tempo passado na comunidade ou no espaço social estudado”. Nesse sentido, uma observação participante deve abranger um período estendido de tempo e participação, objetivando uma observação de contextos mais amplos, reconhecendo que os relacionamentos entre o objeto e seus contextos são recíprocos e permitem análises em diferentes perspectivas.

Tomando em mão esses questionamentos iniciais e baseando-me em uma pesquisa de inspiração etnográfica virtual, devido ao cronograma para entrega do estudo, realizei uma entrada nesse campo objetivando observar os usos e apropriações dele no sentido de encontrar possíveis disputas relacionadas às indagações levantadas anteriormente. Para tanto, selecionei duas postagens recentes que as retratam. A primeira, realizada em 29 de junho, foi uma pergunta baseada em uma objeção pessoal do responsável pela postagem e direcionada aos membros do grupo se

outros não estariam incomodados com a participação de mulheres brancas em um grupo de feminismo negro, como é possível verificar na figura 01.

Figura 01



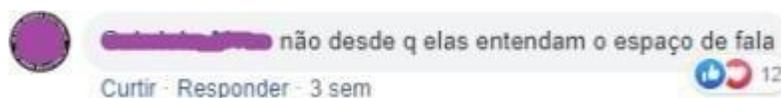
Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 29 de junho de 2019

A publicação dessa pergunta gerou reações diversas. A primeira resposta foi de uma administradora do grupo, apontando a regra em que permite a participação de homens e mulheres brancas. Uma das moderadoras também respondeu apontando os seguintes argumentos:

Feminismo negro é uma corrente teórica que visa discutir e combater a vivência de opressão de mulheres negras, que inclui machismo e racismo. Como qualquer corrente teórica, quanto maior a adesão social, por todos que compõem a sociedade, maior será a efetividade do que se propõe. Não adianta discutir racismo apenas entre os negros, pois é preciso que os brancos tenham consciência dessa realidade para que ela possa algum dia mudar. Assim como não adianta discutir machismo apenas entre as mulheres, pois quem se beneficia desse sistema geralmente não tem noção do quanto ele é prejudicial. E enquanto não conseguirmos de fato criar uma sociedade para nos isolar de quem nos oprimem, as discussões devem incluir aqueles que têm interesse em se desconstruir. (USUÁRIO 01, 30 de junho de 2019)

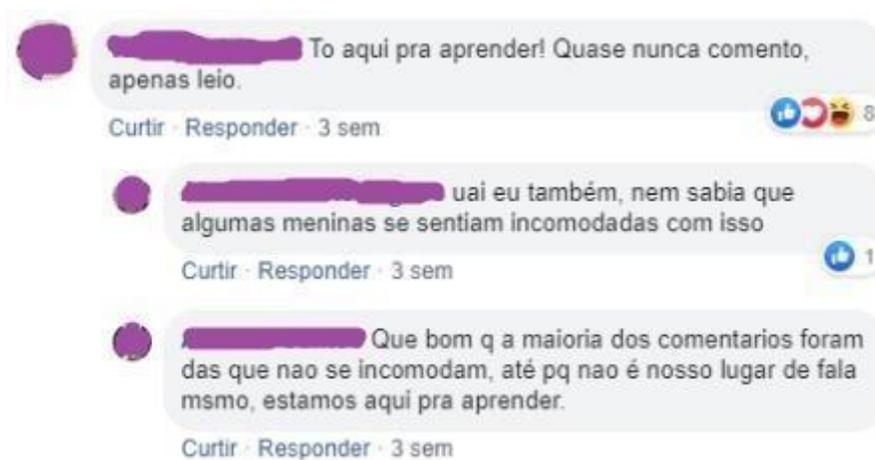
Ao longo dos comentários, foi possível notar que alguns pontos eram repetidos, tanto por mulheres brancas quanto pelas mulheres negras. A importância de respeitar o lugar de fala de cada um, também referenciado nas regras do grupo. Outro assunto citado pelos membros nas respostas foi à necessidade do “estar ali” enquanto espaço de aprendizado. Como é possível verificar nas figuras abaixo.

Figura 02



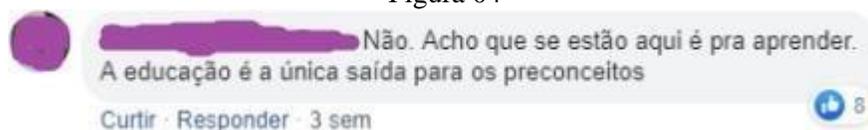
Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

Figura 03



Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

Figura 04



Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

No que concerne às regras do grupo, essa publicação teve a participação ativa das administradoras e moderadoras, fosse para responder ao questionamento original da postagem ou aos comentários desta. Entretanto, o fato de ter a participação de mulheres e homens brancos autorizados enquanto regra, foi tema de algumas preocupações expostas. Ao passo que, na visão da administração do grupo, poderia ser motivo para controle e organização, servindo de fato tranquilizador e estimulador para uma participação ativa no grupo.

Figura 05



Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

Figura 06



Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

Após esta publicação, uma participante do grupo fez uma postagem própria informando o motivo de estar lá, enquanto mulher trans e branca. Ela começou o texto com a seguinte pergunta: o que eu branca faço no grupo? E discorreu sobre seus privilégios e lugares de fala. Mesmo a postagem tendo recebido apenas reações como curtidas ou “amei”, a maioria dos comentários recebidos foram negativos e baseados num pressuposto que ela estaria sendo “biscoiteira”, ou seja, teria feito a publicação para chamar a atenção, objetivando curtidas e bajulação.

Apesar dos comentários majoritariamente negativos, a publicação não contou com resposta de nenhuma administradora ou moderadora do grupo, ainda que um posicionamento a respeito das regras tenha sido incentivado, como visto na FIGURA 07.

Figura 07



Eu só acho que agt não consegue enegrecer nenhum espaço que é destinado a nos. E vocês brancos que se chamam consciente são os primeiros a querer clarear a porra do bagulho. Quer aprender ? Tem materiais na internet, tem história, tem tantas coisas que vocês brancos TEM ACESSO. Vocês mesmo podem e devem se conscientizar ENTRE SI. Mas ainda não, vocês querem aprender na base da nossa dor, vocês querem tem o espacinho de vocês em todos os lugares. Vocês querem espaço p da o texto de vocês também. Eu não aceitaria brancas se o grupo fosse meu na real

Curtir · Responder · 3 sem · Editado



Grupo “Feminismo Negro: Mulherismo” em 30 de junho de 2019

Parece claro que existe uma problemática em traduzir teorias feministas, que sirvam para todos, em práticas. De acordo com Hooks (2019, p. 93), o pensamento e teoria feministas se beneficiaram de todas as intervenções críticas na questão de raça. Porém, afirma que racismo e sexismo combinados criaram barreiras entre as mulheres brancas e não brancas e, até o momento, metodologias feministas não foram muito eficientes para mudar isso.

Em “Quem tem medo do feminismo negro?”, a filósofa Djamila Ribeiro (2018, p.83), aborda a participação de mulheres e homens brancos nos debates sobre feminismo negro, trazendo como temas o protagonismo e legitimidade. A autora aponta que é dever dos não negros a conscientização, entretanto, historicamente, os brancos tomaram o lugar de fala dos negros numa luta na qual não eram protagonistas. Dessa maneira, pessoas negras possuem a legitimidade do lugar de fala e merecem esse protagonismo.

Ribeiro (2018, p. 47) ainda reafirma a importância do combate à universalização da categoria “mulher”, dialogando com Simone de Beauvoir e Judith Butler sobre a desmistificação da mulher enquanto construção social e gênero enquanto performance para defender a inclusão de mulheres trans nos debates feministas, corroborando com a visão do feminismo interseccional.

Portanto, ainda que não tenham ficado claro quais seriam as consequências de convivência de mulheres brancas em espaços dedicados à discussão do feminismo negro, é possível considerar que essa relação cause uma alteração nas dinâmicas existentes nesse espaço que demandariam de análises aprofundadas tanto do ambiente virtual compartilhado, quanto dos membros.

5. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi, através de uma análise de entrada em campo, selecionado através de uma pesquisa quantitativa para delinear o perfil dos grupos feministas existentes no *Facebook*, perceber possíveis disputas nos modos de apropriação dos espaços dedicados ao feminismo negro por mulheres brancas no *Facebook*. Através da análise de duas publicações recentes do grupo, Feminismo Negro: Mulherismo, observou-se que ali existiam posicionamentos discordantes sobre a divisão daquele ambiente, dedicado ao debate e protagonismo negros, com mulheres brancas. É importante notar que, conforme regra do grupo, a presença de homens brancos também é permitida, no entanto, não ficou claro se há ou não incômodo sobre este ponto.

A partir deste estudo inicial, nota-se que o compartilhamento do espaço de feminismo negro entre mulheres negras e brancas não se faz sem conflitos. Mesmo que não protagonizando os debates, existe o questionamento da necessidade da mulher branca como ouvinte, considerando haver um arcabouço teórico disponível para consultas em buscas online. A branquitude⁵, enquanto presença gera desconforto para alguns membros, independentemente da sujeição às regras de banimento em caso de quebra de respeito ao reconhecimento do lugar de fala.

Em mais de um momento, as mulheres brancas apontaram o dever de estar ali com o intuito de aprender, porém até que ponto essas mulheres se questionam sobre sua branquitude? De quais formas são incorporados os conhecimentos adquiridos ali em suas práticas diárias de combate ao racismo e opressões de gênero? Estes são exemplos de perguntas que tornam visível a necessidade de verificar-se, através de entrevistas em profundidade, os desdobramentos dessas disputas nos processos de construções identitárias *online* e *offline*.

Desta maneira, a aplicação de uma metodologia etnográfica virtual que compreenda um estudo das implicações mais profundas torna-se indispensável, visando romper com os dualismos, acessar diferentes circunscrições do objeto e do contexto através dos relacionamentos observados, para fazer sentido em relação à complexa produção de epistemologias feministas e movimentos culturais a partir de ambientes virtuais.

⁵“A branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo”. (Frankenberg, 1999b, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90). (GELEDÉS, 2011)

Pensar em teorias feministas e seus diversos atravessamentos, principalmente em se tratando das questões que envolvem raça e gênero, ainda se apresentam como um desafio na contemporaneidade. Mesmo que a proposta deste artigo parta do pressuposto de um feminismo interseccional, ao analisar uma temática que inclui a pauta do feminismo negro, é necessário um constante processo de autorreflexão, sobre o meu lugar de falar enquanto mulher branca acadêmica, inserida em um contexto político e social capitalista que favorece a branquitude.

Ribeiro (2018) analisa que não existe somente um enfoque feminista, sem colocar uma distinção clara da teoria feminista pela visão acadêmica e movimento feminista enquanto prática, pois ela corrobora com o posicionamento da socióloga, Patricia Hill Collins, sobre a prática ser pessoal, em um cenário onde teoria e prática existem para interagir dialeticamente uma com a outra.

Nesse sentido, reforça o desafio de se pesquisar práticas baseadas em teorias de feminismos plurais, necessitando de um aprofundamento dessas questões, nos ambientes em que elas estão inseridas, buscando compreender de que maneira um movimento feminista interseccional corrobora ao avanço das teorias e práticas desse campo.

Referências

- BERTH, Joice. **O que é: empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999b. v. 2
- DAFLON, Verônica Toste. Dilemas e perspectivas dos feminismos no Brasil contemporâneo. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 9, n. 1, p.315-320, abr. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752019v9116>.
- DURÃO, Susana; FRANÇA, Isadora Lins (Org.). **Pensar com método.** Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2015. 120 p.
- HARRIS, Anita. MIND THE GAP. **Australian Feminist Studies**, [s.l.], v. 25, n. 66, p.475-484, dez. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08164649.2010.520684>.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 176 p.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 10, n. 21, p.41-65, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832004000100003>.

NEIVA, Giórgia. Vamos Sair do Bolo com a Nave Ace? Notas Etnográficas sobre Visibilidade Política da e na Assexualidade no Ciberespaço. In: **31ª Reunião de Antropologia Brasileira**, 2018, Brasília/DF. GT 57. Processos e dinâmicas no ciberespaço: divergências, dissidências, usos e contra-usos em relação à experiência de si, 2018.

POLIVANOV, Beatriz. Dinâmicas Identitárias Online: apontamentos sobre o que postar e o que não postar no Facebook. **Comunicação Midiática**, Bauru/SP, v. 10, n. 3, p.151-166, set/dez. 2015 PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, v. 9, p. 1-21, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 148 p.

SILVA, Hernani Francisco da. **Definições sobre a branquitude**. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>. Acesso em: 10 jul. 2019.